

A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO PRÁTICA DE INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA SOCIEDADE

CLIVATTI NETO, Otavio¹
HORACIO, Felipe Moreira²
VICENTE, Jones F.³

RESUMO: O presente trabalho objetiva discutir o papel da Educação Física como agente de socialização e de integração da pessoa com deficiência na sociedade. Uma vez que a prática de esportes tem grande importância na vida das pessoas de todas as idades, proporcionando bem-estar físico e emocional, melhorando, assim, a qualidade e expectativa de vida. No caso das pessoas com deficiência essa importância é maior ainda, pois favorece a inclusão social e a melhora da autoestima, interferindo positivamente no processo de reabilitação. As dificuldades físicas são trabalhadas através do esporte, trazendo independência nas tarefas diárias e superação das adversidades. Além disso, estimula a disciplina, tão necessária para os desafios diários e para a reabilitação. Para obter os resultados esperados, a prática deve ser supervisionada e as atividades adaptadas de acordo com as limitações apresentadas pela pessoa. Para efetuar a investigação, presente pesquisa será qualitativa sendo utilizada a técnica bibliográfica, ou seja, as fontes serão retiradas de livros, artigos científicos, dissertações e materiais disponíveis na internet. Consideramos, portanto, neste trabalho, a prática desportiva adaptada e algumas histórias de superação de pessoas com deficiências que se tornaram exemplos de superação no paratletismo.

Palavras-chave: Inclusão. Deficiência. Educação Física. Prática Esportiva. Paratletismo.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história a pessoa com algum tipo de deficiência sempre sofreu preconceito. Segundo Tezani (2004), na antiguidade, foram desamparadas pelos seus grupos por não terem corpos perfeitos para a guerra, já na idade média trabalharam como bobos da corte, também já foram vistos como diabólicos pela deformação corporal, e por fim com um avanço da biologia e da medicina a deficiência foi vista como um problema orgânico, e no século XVIII, com os avanços e descobertas dos cientistas anteriores, a deficiência passou a ser relacionada a causas naturais, e não mais atribuída à vontade divina.

A partir daí a sociedade vem buscando combater a exclusão das pessoas com deficiências, assegurando-lhes, por meios legais o acesso a ambientes sociais como

¹ Acadêmicos do 7º Termo do Curso de Educação Física – Bacharel – da FIRA/FREA – Avaré-SP

² Acadêmicos do 7º Termo do Curso de Educação Física – Bacharel – da FIRA/FREA – Avaré-SP

³ Orientador – Professor da FIRA/FREA – Avaré –SP – jofferre4.0@globo.com

mercado de trabalho, educação escolar, lazer, entre outros. Porém, ante a complexidade do assunto podemos dizer que tais medidas não asseguram de forma efetiva a inclusão social destes indivíduos, uma vez que esse processo apresenta diversos desdobramentos, para além do aspecto legal.

Portanto, ao pensarmos o processo de inclusão social da pessoa com deficiência, partimos do princípio de que o modelo da inclusão visa marcar uma ruptura com a hegemonia social em diversas atividades que formam a nossa cultura, entre elas o trabalho e a educação, como atividades sob as quais se desdobram as relações socioculturais.

A inclusão social aparece então segundo Sasaki (2003), como um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade.

Para as pessoas deficientes, a cada dia surgem novos desafios a serem superados. Até mesmo as tarefas mais simples podem ser extremamente difíceis para realizar, especialmente para aqueles com sequelas motoras mais graves. Essas limitações desestimulam os deficientes criando uma autoimagem ruim, gerando a sensação de incapacidade e aumentando seu isolamento social. A frustração causada por essas dificuldades acaba, também, interferindo no processo de reabilitação. Aqueles que adquiriram a deficiência posteriormente, como os que apresentam sequelas de acidentes, sentem mais fortemente essa angústia. Acostumados com uma vida normal, veem-se repentinamente limitados, tendo que modificar totalmente seus hábitos e rotinas, muitas vezes necessitando de ajuda para tarefas diárias. Muitos entram em depressão, precisando de ajuda especializada.

Devido às dificuldades e aos aspectos emocionais, a pessoa deficiente muitas vezes tende ao isolamento, seja por vontade própria ou por rejeição do grupo, pois as limitações físicas ou mentais e as dificuldades de comunicação, afastam muitas pessoas ditas “normais” devido ao preconceito que despertam ou mesmo devido à falta de conhecimento sobre eles. O esporte nesse caso é uma grande ferramenta de integração, aproximando os dois grupos e mostrando o deficiente como realmente é, expondo sua potencialidade e estimulando ao convívio. As pessoas aprendem a respeitar e conviver com as diferenças, trabalhando em equipe. Por outro lado, ao perceber que podem levar

uma vida próxima ao normal, os deficientes melhoram sua autoestima e o seu empenho no processo de reabilitação.

No âmbito da Educação Física pode-se trabalhar de várias formas que contribuem para o processo de inclusão, como adaptar atividades que contribua para interação entre todos os alunos (SILVA, S.C., NETO, S.S., DRIGO, J.A 2009).

De acordo com IBGE (2000)⁴, 24,5 milhões de pessoas no Brasil tem algum tipo de deficiência. Entre elas, 48% tem deficiência visual, 27% tem deficiência física, 8,3% deficiência mental. A ONU (2013) aponta que no mundo, mais de 650 milhões de pessoas no mundo tem alguma deficiência, o que corresponde a aproximadamente 10% da população. Com a implantação de políticas de inclusão dos deficientes nas escolas comuns, os professores precisaram se adaptar às necessidades dos novos alunos, e aprender a lidar com suas limitações.

No caso específico da capacitação dos professores de Educação Física, foi necessário que os currículos acadêmicos das faculdades de Educação Física passassem a incluir disciplinas voltadas para os esportes praticados por pessoas com deficiência, para que eles pudessem orientar a prática de atividades físicas e atender as necessidades dessa população. Além da questão escolar, o esporte adaptado também passou a ser um fator importante para a inclusão de adultos com deficiências, congênitas ou adquiridas, na sociedade.

Para verificar a importância da Educação física nesse processo serão estudadas as modalidades esportivas adaptadas e casos de pessoas que superaram as dificuldades e se tornaram atletas paraolímpicos.

Portanto, a presente pesquisa será qualitativa sendo utilizada a técnica bibliográfica, ou seja, as fontes serão retiradas de livros, artigos científicos, dissertações e materiais disponíveis na internet. De acordo com Cervo, Brevian e Da Silva (2007, p. 61) a pesquisa bibliográfica “constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema”.

Sendo assim, a pesquisa terá o seguinte caminho: inicialmente iremos descrever como historicamente as pessoas com deficiência física vem sendo tratadas ao longo dos anos. Na sequência se baseando na literatura estudada, buscaremos verificar os avanços na acessibilidade de pessoas com deficiência física (cadeirantes) em aulas de Educação

⁴ <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/08052002tabulacao.shtm>

Física. Ainda procuraremos identificar ações de profissionais que buscam integrar em suas aulas de Educação Física alunos com deficiência física (cadeirantes). E por fim, pretendemos apontar práticas inclusivas para pessoas com deficiência física.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Breve relato histórico

O desporto adaptado surgiu, há mais de um século, como um importante meio na reabilitação física, psicológica e social para pessoas com algum tipo de deficiência. Ele consiste em adaptações e modificações em regras, materiais, locais para as atividades com o objetivo de possibilitar a participação das pessoas com deficiências nas diversas modalidades esportivas (DUARTE; WERNER, 1995), e também pode ser definido como esporte modificado ou especialmente criado para ir ao encontro das necessidades únicas de indivíduos com algum tipo de deficiência (GORGATTI; GORGATTI, 2005).

No seu início, por volta dos séculos 18 e 19 seu objetivo maior era a reeducação e a reabilitação das pessoas com deficiência, como tratamento auxiliar na recuperação das cirurgias ortopédicas, especialmente depois da I Grande Guerra (1914/1918).

Conforme o IBGE (2000), citado acima, a primeira competição internacional para pessoas com deficiência, com o nome de Jogos do Silêncio, aconteceu em agosto de 1924, em Paris, com a participação de 145 atletas surdos de nove países europeus

Segundo Feitosa e Marques (2015) em 1944, o Dr. Ludwig Guttmann, neurocirurgião alemão, desenvolveu um trabalho no Centro Nacional de Lesionados Medulares de Stoke Mandeville, Inglaterra, utilizando a prática esportiva como parte do tratamento médico na reabilitação de veteranos de guerra com lesões. O sucesso do trabalho motivou o Dr. Guttmann a organizar a primeira competição para atletas em cadeiras de rodas em 1948, durante os Jogos Olímpicos de Londres,

Em 1952, foi fundada a ISMGF – International Stoke Mandeville Games Federation – Federação Internacional dos Jogos de Stoke Mandeville, que se tornou a base do esporte paraolímpico atual.

A primeira Paraolimpíada aconteceu em Roma, em 1960, por iniciativa do diretor do Centro de Lesionados Medulares de Ostia, Dr Antonio Maglia, que propôs a realização dos Jogos de Mandeville logo após a realização dos Jogos Olímpicos, nos mesmos moldes e lugares, e contou com o apoio do Comitê Olímpico Italiano e teve a

participação de 400 atletas de 23 países. A partir dessa data a Paraolimpíada foi se fortalecendo e suas regras e normas técnicas aprimoradas pela Federação Mundial de Veteranos, passando a ser disputada sempre no mesmo ano das Olimpíadas e, a partir de 1988, em Seul, sempre na mesma cidade sede e usando a mesma estrutura. Para que a competição seja equilibrada e justa, os atletas paraolímpicos são divididos em categorias de acordo com suas habilidades funcionais e limitações, disputando nas várias modalidades de esportes adaptados.

2.1.1 Histórico do esporte adaptado no Brasil

No Brasil, a prática desportiva para pessoas com deficiência física começou na década de 50 com o Clube dos Paraplégicos de São Paulo, mas o marco inicial do desporto paraolímpico foi a apresentação de uma equipe estrangeira de basquetebol em cadeiras de rodas os “*Pan Jets*”, formada por funcionários deficientes da *Pan American World Airlines* em 1957. A primeira partida de basquete em cadeira de rodas, no Brasil, foi disputada em 1959, entre o Clube dos Paraplégicos, de São Paulo e o Clube do Otimismo, do Rio de Janeiro. Conforme Gorgatti (2005);

O esporte adaptado ficou restrito ao eixo Rio-São Paulo, apenas se expandindo pelo Brasil após a fundação das entidades nacionais de administração esportiva que iniciaram os trabalhos na área no ano de 1975. O CPB (Comitê Paraolímpico Brasileiro), órgão superior na administração do paradesporto no Brasil, foi fundado em 30 de agosto de 1994, na cidade do Rio de Janeiro. (GORGATTI, 2005, pg 492).

De acordo com o Comitê Paralímpico Brasileiro, a primeira participação brasileira em uma edição dos Jogos Paralímpicos de Verão foi em 1972, nos Jogos de Stoke Mandeville em Heidelberg, na Alemanha. A delegação brasileira era composta por 20 atletas, que disputaram medalhas em quatro modalidades, mas não houve conquista de medalhas. Até agora o Brasil já participou de 12 Jogos Paralímpicos de Verão, conquistando, ao todo, 302 medalhas, sendo 87 de ouro, 112 de prata e 103 de bronze. Entretanto a primeira participação do Brasil em uma competição Internacional do movimento paralímpico, foi nos Jogos Pan-americanos, em Buenos Aires, Argentina em 1969, onde a equipe de basquete em cadeira de rodas obteve a medalha de bronze.

Segundo levantamento do site “Rank Brasil” a primeira medalha de prata conquistada pelo Brasil em uma Paralimpíada foi em 1976, em Toronto, no Canadá na modalidade Lawn Bowls, uma espécie de bocha na grama. Já a conquista da primeira medalha paralímpica de ouro foi nos Jogos de Stoke Mandeville, no Reino Unido, em

1984 na modalidade de arremesso de peso. A participação brasileira foi aumentando a cada Jogo Paralímpic, sendo que a primeira participação expressiva aconteceu nos Jogos Paralímpicos de Londres, em 2012, com a conquista de 21 ouros, 14 pratas e oito bronzes, que garantiu ao Brasil um honroso 7º lugar no quadro geral. Fizeram parte da delegação 182 paratletas brasileiros (115 homens e 67 mulheres), que disputaram 18 das 20 modalidades presentes na competição.

Atualmente, a Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, órgão integrante da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República é a responsável pela implantação das políticas públicas voltadas para essa população.

Portanto, pelo que vimos, Inclusão social é algo complexo, pois envolve todas os domínios da sociedade e quando falamos em inclusão, o que se percebe é que são considerados corpos que estão fora dos “padrões da normalidade” (física, comportamental e social), e que necessitam de superação e compreensão dos ditos “normais” para serem aceitos. (DUARTE, 2003)

2.2 A prática esportiva adaptada

A prática esportiva traz benefícios físicos incontestáveis para qualquer pessoa, devido às melhoras na condição física como o desenvolvimento de força, agilidade, controle muscular, coordenação motora, função cardiovascular e capacidade respiratória. Sua importância, em todas as fases da vida, tem sido muito difundida e cada vez mais as pessoas. Quando analisamos os possíveis benefícios que a prática esportiva traz para a pessoa portadora de deficiência constatamos que os mesmos vão bem além da questão física, a questão da socialização é um aspecto muito importante que atua de forma direta no processo de reabilitação.

Para Winnick (1990) o esporte adaptado é uma experiência esportiva especificamente criada ou modificada para suprir as necessidades especiais de indivíduos específicos, e deve estar presente desde a fase inicial do processo de reabilitação, pois ao praticar um esporte adaptado os deficientes passam a vivenciar sensações e movimentos que muitas vezes não seriam possíveis pela própria limitação física ou por restrições da sociedade. Isso tem um grande impacto no processo de reabilitação, melhorando o prognóstico.

RIMMER (1999) afirma no seu artigo que um programa de promoção da saúde para pessoas com deficiência deve ter como objetivo reduzir as condições secundárias, (como por exemplo, obesidade e hipertensão), manter a independência funcional, proporcionar uma oportunidade de lazer e melhorar a qualidade de vida em geral. Isso significa dar ao deficiente a possibilidade de compreender a deficiência e suas necessidades especiais, monitorar a própria saúde e promover sua independência em atividades diárias. Fica claro, assim, que a prática esportiva para a pessoa com deficiência tem um papel mais importante do que apenas a manutenção ou promoção da saúde física, mas sim, que a mesma é essencial na reabilitação do deficiente, tanto física quanto emocional, e na retomada de sua rotina diária.

Segundo o trabalho de pesquisa da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) realizado por Olívia Tsutsumi e outros (2004): é crescente o número de pessoas com algum tipo de incapacidade física envolvida em práticas esportivas, por trazerem benefícios e promoverem a reabilitação e o bem-estar.

Para Pedrinelli (2011), abraçar uma atividade física pode transformar o dia-a-dia de um atleta especial e ainda fazer bem para a saúde do corpo e da mente. Ainda segundo o autor “movimentar-se é a palavra de ordem”. Não importa se o atleta tem como objetivo jogar profissionalmente ou de forma amadora. O importante é procurar uma modalidade esportiva que se adeque às condições e limites. Essa é também a opinião do presidente da ABDF (Associação Brasileira de Desportos para Deficientes Físicos) Ademir Cruz de Almeida, Ele destaca que a escolha deve ser feita de acordo com as limitações de cada um, dando preferência para a atividade física onde seu desempenho for melhor.

No esporte, ser deficiente ou não deficiente, nem sempre é garantia de fazer gols ou cestas com precisão. É preciso esforço, treino, disciplina e dedicação. Nesse ponto, todos se igualam. Ambos precisam dar o melhor de si para alcançar os objetivos e tem a mesma chance de conseguir isso. Dependendo do tipo e do grau da deficiência ambos podem chegar nos mesmos resultados e até mesmo competir de igual para igual. No caso de pessoas com seqüelas maiores é possível chegar aos objetivos almejados, desde que sejam desenvolvidos os métodos e adaptações que forem necessárias. Esse trabalho de adaptação deve ser realizado pelo professor ou técnico em Educação Física em conjunto com o médico, fisioterapeuta ou outros profissionais, de acordo com a área envolvida.

Muitas vezes, o esporte é a melhor oportunidade de o deficiente mostrar, aos outros e a si mesmo, sua capacidade e se destacar de forma positiva. Ele melhora a autoconfiança e a autoestima, fazendo com que o deficiente sinta maior segurança para alcançar seus objetivos. Ainda segundo o presidente da ABDF, Ademir Cruz de Almeida, o esporte é muito importante para que o deficiente sinta que, dentro de suas limitações e com as adaptações necessárias, é capaz de fazer qualquer coisa que deseje.

No caso das pessoas com seqüelas motoras mais graves e que fazem uso de próteses ou de cadeiras de rodas, ou daquelas que tiveram suas vidas mais bruscamente afetadas, o esporte pode ser o caminho para perceber que sua vida pode ser retomada e mostrar que é possível, apesar das limitações físicas, ter uma vida saudável.

A seleção da modalidade esportiva tem que levar em conta o tipo de deficiência, as habilidades físicas e a possibilidade de realizar as adaptações necessárias, mas também deve pesar os interesses e aptidões da pessoa que vai praticar o esporte. Os deficientes físicos que utilizam cadeiras de rodas devem praticar esportes em modalidades que possam ser praticadas na posição sentada ou em jogos com outros cadeirantes e com regras adaptadas; enquanto os deficientes físicos que utilizam próteses podem participar de um número maior de atividades esportivas.

Já os deficientes visuais precisam de sinalização sonora ou tátil e podem participar de esportes como natação e lutas, com as regras adaptadas. Os deficientes auditivos podem participar de todas as modalidades sem necessidade de adaptação das regras, mas precisam de sinalização visual das faltas e avisos que são normalmente informados por apitos.

Gouveia (2016) publicou uma lista de modalidades que podem ser praticadas por pessoas com deficiências físicas:

- *Arco e flecha: pode ser praticado em cadeiras de rodas*
- *Basquetebol sobre rodas: Jogado por paraplégicos, amputados, e atletas com sequelas de poliomielite.*
- *Handebol sobre rodas: da mesma forma que o basquete, pode ser jogado por paraplégicos, amputados e por atletas com sequelas de poliomielite*
- *Voleibol: pode ser praticado por atletas amputados e cadeirantes.*
- *Futebol: Apenas atletas com paralisia cerebral competem. As regras sofrem algumas modificações, entre elas o número de jogadores, largura do gol e da marca do pênalti.*
- *Ciclismo: Três classes de atletas participam do ciclismo: paralisado cerebral, cegos com guias e amputados.*

- *Esgrima: Praticado por atletas em cadeira de rodas, amputados e paralisados cerebrais.*
- *Natação: pode ser praticado por pessoas com deficiência visual ou física.*
- *Tênis de mesa: pode ser jogado por pessoas com diversos tipos de deficiência física, incluindo cadeirantes.*
- *Tênis: pode ser jogado em cadeiras de rodas jogam como o tênis tradicional, sendo necessária apenas uma adaptação nas regras para que a bola possa quicar duas vezes, a primeira dentro da quadra.*
- *Judô: pode ser praticado por pessoas com deficiências visuais. A principal adaptação feita para esta modalidade é a diferença de textura do tatame para indicar os limites da área de competição.*
- *Halterofilismo: pode ser praticado por pessoas com deficiências físicas e paralisia cerebral.*
- *Tiro ao alvo: pode ser praticado por cadeirantes, amputados ou outras deficiências físicas.*

Segundo o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), entidade que rege o desporto paralímpico no Brasil, existem 22 modalidades esportivas que fazem parte do programa paralímpico e os atletas são divididos em classes de acordo com a deficiência apresentada, para que a competição seja equilibrada e justa. São elas: paratriatlo, paracanoagem, atletismo, goalball, natação, tênis em cadeira de rodas, voleibol sentado, basquete em cadeira de rodas, halterofilismo, remo, tiro com arco, bocha, futebol de 5, parabadminton, hipismo, ciclismo, rugby em cadeira de rodas, tiro esportivo, esgrima em cadeira de rodas, judô, tênis de mesa e taekwondo.

O espaço a ser utilizado (quadra, campo, pista, etc.) nas competições ou treinos também deve ser adaptado ao tipo de deficiência apresentado para que não haja riscos à segurança física, devendo ser bem sinalizado e delimitado, sem obstáculos ou desníveis que possam dificultar o acesso ou a locomoção dos deficientes.

Para que traga resultados, é importante que seja definido um plano de trabalho, com objetivos claros e que sejam estabelecidas metas de curto e médio prazo. Esse planejamento deve ser feito pelo treinador em conjunto com os profissionais da área de reabilitação e deve envolver também o deficiente para que haja maior comprometimento. Segundo Jordan (2019), o comprometimento com as metas é essencial para atingir o objetivo proposto, assim como assumir a responsabilidade pelo próprio treino. Portanto, o deficiente deve estar engajado em todas as etapas, desde o estabelecimento do objetivo e estipulação das metas ao planejamento das atividades.

Em seu trabalho sobre Esporte Adaptado, MELO e LÓPEZ (2002) ressaltam que os principais objetivos das atividades físicas ou esportivas voltadas para portadores de deficiência são:

- *Melhoria e desenvolvimento de autoestima, autovalorização e autoimagem;*
- *o estímulo à independência e autonomia;*
- *a socialização com outros grupos;*
- *a experiência com suas possibilidades, potencialidades e limitações;*
- *a vivência de situações de sucesso e superação de situações de frustração;*
- *a melhoria das condições organo-funcional (aparelhos circulatório, respiratório, digestivo, reprodutor e excretor);*
- *melhoria na força e resistência muscular global;*
- *ganho de velocidade;*
- *aprimoramento da coordenação motora global e ritmo;*
- *melhora no equilíbrio estático e dinâmico;*
- *a possibilidade de acesso à prática do esporte como lazer, reabilitação e competição;*
- *prevenção de deficiências secundárias;*
- *promover e encorajar o movimento;*
- *motivação para atividades futuras;*
- *manutenção e promoção da saúde e condição física*
- *desenvolvimento de habilidades motoras e funcionais para melhor realização das atividades de vida diária*
- *desenvolvimento da capacidade de resolução de problemas.*

2.3 Histórias de superação

Clodoaldo Francisco da Silva Correa, nasceu em Natal, no dia 1 de fevereiro de 1979. Devido à problemas na hora do parto, que causaram falta de oxigenação no cérebro, Clodoaldo sofreu uma paralisia cerebral, que afetou a mobilidade de suas pernas e prejudicou sua coordenação motora. Quando criança só se locomovia rastejando, precisou passar por quatro cirurgias e fisioterapia intensiva antes de conseguir nadar.

Segundo dados de seu site pessoal, Clodoaldo passou a praticar natação como processo de reabilitação no ano de 1996 e acabou se identificando com o esporte. Quatro anos depois, em 2000, já conquistava suas primeiras medalhas em Jogos Paralímpicos (três de prata e uma de bronze). Nos Jogos Paralímpicos de Atenas 2004, conquistou 6 de ouro e 1 de bronze sendo, na época considerado o recordista brasileiro de medalhas de ouro em paraolimpíadas. No total participou de 4 paraolimpíadas acumulando treze medalhas, sendo seis de ouro.

Ele participou, também, de 3 Jogos Parapanamericanos, conquistando cinco medalhas em 2003 (Mar del Plata), oito em 2007 (Rio de Janeiro) e seis em 2011 (Guadalajara). Nos três Campeonatos Mundiais que disputou, totaliza nove medalhas.

Recebeu diversas homenagens como o título de embaixador do Pan e do Parapanamericano de 2007, e o título de personalidade esportiva de 2006 dado pela Soberana Ordem do Mérito do Empreendedor Juscelino Kubitschek.

Nos Jogos Paralímpicos de 2016, no Rio de Janeiro, Clodoaldo foi o escolhido para acender a pira olímpica na cerimônia de abertura. Segundo ele, a prática esportiva colabora para quebrar o estigma de que pessoas deficientes não tem as mesmas capacidades de quem vive sem nenhuma deficiência. Seu alerta vale também para as pessoas com necessidades especiais e suas famílias que, não raro, ainda que com boas intenções, acabam por isolar a pessoa com deficiência do convívio social.

Clodoaldo foi o primeiro nadador paraolímpico brasileiro de destaque e sua história de superação serviu de inspiração para outros atletas, como Daniel Dantas de 28 anos, atualmente o maior medalhista em paraolimpíadas com doze medalhas de ouro.

Daniel, assim como Clodoaldo, também teve que superar dificuldades desde o nascimento. Portador de má formação dos membros superiores e da perna direita, ele não possui os pés nem as mãos. Isso não impediu que ele começasse a nadar aos 16 anos, inspirado pelas conquistas de Clodoaldo Silva e se tornasse hoje na maior referência na modalidade. Com mais de 15 medalhas, no total, em apenas duas edições dos Jogos e mais de cinco recordes batidos em Londres em 2012, quando ele foi eleito duas vezes como o melhor atleta paraolímpico do mundo.

Outro atleta que teve que superar grandes dificuldades foi o ex-goleiro das categorias de base do São Paulo FC, Bruno Landgraf. Cotado como um dos possíveis substitutos de Rogério Ceni, sofreu um grave acidente de carro em agosto de 2006, aos 20 anos, ficando tetraplégico. No acidente, onde ele era o motorista, Bruno perdeu também dois amigos, que estavam no carro.

Após passar por duas cirurgias e 8 meses na cama de um hospital, superou as dificuldades para falar e se alimentar, contrariando todos os prognósticos médicos de que só conseguiria mover os olhos. Depois de um período de reabilitação intensiva Bruno passou a praticar, em 2009, a modalidade da vela adaptada exatamente por ser um esporte que dava oportunidades para deficientes. Passou a velejar duas vezes por semana no clube da Associação dos Servidores do Banco Central (ASBAC), localizado

na represa de Guarapiranga, Região Metropolitana de São Paulo e em 2012, participou dos Jogos de Londres, terminando em 12º lugar. Depois disso, mudou para Niterói no Rio de Janeiro com a finalidade de se preparar para representar novamente o Brasil nos Jogos Paralímpicos de Verão no Rio em 2016.

Segundo o depoimento de Bruno a vida do cadeirante não é fácil, mas o esporte foi crucial para a sua recuperação e para mostrar que a vida não terminou com o acidente. Diz ele;

Acredito que as pessoas com deficiência são pessoas iguais às outras e, dependendo da deficiência, algumas precisam de mais ajuda ou não. Mas todos nós fazemos quase tudo o que uma pessoa sem deficiência pode fazer, trabalhamos, estudamos, saímos para nos divertir, namoramos, praticamos esportes.⁵

Ademir Cruz de Almeida, presidente da ABDF, também é atleta paraolímpico. Ele começou a praticar natação há mais de 20 anos, convidado por um preparador físico e, inicialmente, praticava as atividades com pessoas sem deficiência, só depois se dedicando ao paradesporto.

Ele também já praticou voleibol sentado, atletismo e, atualmente, se dedica ao futebol para amputados, modalidade que ainda não é considerada paraolímpica, mas que é muito praticada e onde o Brasil tem se destacado com o título de tetracampeão.

Ele destaca que a escolha deve ser feita de acordo com as limitações, a atividade física que melhor pode ser desempenhada. Segundo ele, que também faz parte da WAFF (*World Amputee Football Federation*), atualmente seu maior sonho é que o futebol para amputados se torne paraolímpico. “Essa modalidade já me proporcionou vários momentos inesquecíveis na minha vida e oportunidades de crescimento cultural, social, político etc. Tudo o que tenho hoje foi graças ao paradesporto”, diz Ademir.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo aponta que apesar dos problemas que o processo de inclusão vem enfrentando para ser consolidado na sociedade, o profissional de Educação Física tem propiciado a acessibilidade de deficientes nas práticas desportivas adaptadas.

⁵ <http://www.cantinhodoscadeirantes.com.br/2016/08/conhecamos-bruno-landgraf-paralimpiadas.html>

Observamos que o desporto para pessoas com deficiência ganhou extrema relevância em nosso país e no mundo, novos adeptos, novas competições, novas modalidades, novas metodologias e um grande interesse científico, contribuíram para o engrandecimento do desporto adaptado para pessoas com deficiências.

A prática da atividade física adaptada propicia ao deficiente (físico, visual, mental ou auditivo), além da inclusão social e qualidade de vida, melhoria na saúde, não apenas física, mas também afetiva e psicológica, com a construção de uma identidade de atleta em lugar da identidade de pessoa deficiente, ou de alguém que está sempre precisando de cuidados especiais.

As histórias relatadas mostram isso, mas, além dessas, existem muitas outras histórias de superação, como as que pudemos ver recentemente, nas Paraolimpíadas, realizadas no Rio de Janeiro em 2016. Esses atletas paraolímpicos nos deram exemplos concretos de que o esporte favorece a integração do indivíduo deficiente na sociedade. Com eles aprendemos uma lição de perseverança e tenacidade, ao ver que, com trabalho árduo e força de vontade, essas pessoas superaram seus limites e transformaram suas perdas em vitórias. Sem dúvida, essas histórias deram outro ânimo para deficientes e suas famílias, estimulando-os à prática esportiva e a perseverar no processo de reabilitação.

Cabe ao professor ou treinador a tarefa de entender as necessidades, interesses e limitações de cada pessoa com deficiência para poder ajudá-la a escolher uma modalidade esportiva em que ela se enquadre e a estimular cada passo de sua evolução, fazendo com que ela encontre prazer na sua prática. Ele precisa estar preparado para lidar com as inseguranças e frustrações que o deficiente pode ter durante o processo e também para lidar com o comportamento dos outros alunos, ensinando e demonstrando o respeito às diferenças existentes. É importante que haja tolerância com o ritmo diferente de aprendizado ou de execução das atividades, mas ao mesmo tempo não se deve menosprezar sua capacidade com proposições abaixo delas. Ter sensibilidade para perceber a diferença entre o que ele “realmente” não tem possibilidades de fazer e o que ele simplesmente não consegue “neste momento” é primordial para um planejamento adequado e que não cause constrangimentos ou desistências. O aluno deve ser levado a encarar a prática da atividade física não só como tarefa reabilitadora, mas principalmente como uma atividade que concilie o prazer, lazer e possibilidade de superação. Ele e sua família precisam perceber, enfim, a função que a atividade física

tem na reestruturação de sua postura frente à sua própria vida e na sua recolocação/inclusão dentro da sociedade.

Para o professor de Educação Física é muito gratificante ser parte desse processo, atuando como agente de mudanças significativas na vida dessas pessoas e de suas famílias.

4 REFERÊNCIAS

ADD. **Escola de Esporte Adaptado**. Seção: Programa de Iniciação ao esporte adaptado. 2016. Disponível em: <<http://www.add.org.br>> Acesso em 30 set.2017

CERVO, A. L; BERVIAN, P. A; DA SILVA, R. **Metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

DUARTE, E.; WERNER, T. Conhecendo um pouco mais sobre as deficiências. In: **Curso de atividade física e desportiva para pessoas portadoras de deficiência: educação à distância**. Rio de Janeiro: UGF, v. 3, 1995.

FEITOSA Talita Brunes, MARQUES Karla Muniz. **A fisioterapia e o paradesporto**, Nova Iguaçu – RJ, GS Esportes, 2015. Disponível em < <http://gsesportes.com.br/a-fisioterapia-e-o-paradesporto/>> Acessado em 18 de outubro de 2017

GORGATTI, M. G.; GORGATTI, T. O esporte para pessoas com necessidades especiais. In GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. (Orgs.), **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. Barueri: Manole, 2005. p. 532-568.

GOUVEIA, Lucília. **Esporte para pessoas com deficiência**. Site Info Jovem. 2016. Disponível em: <www.infojovem.org.br> Acesso em 29 set. 2017

JORDAN, Michael. **Nunca Deixe de Tentar**. Editora Sextante. RJ. 2009

MELO, A. C. R., LÓPEZ, R. F. A. O esporte adaptado, **Revista digital**, ano 8, nº51, Buenos Aires, agosto, 2002, disponível em www.efdeportes.com - Acesso em 29 set. 2017

ORGANIZAÇÃO NAÇÕES UNIDAS. **Percentagem de deficientes no mundo**. 2013. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-e-as-pessoas-com-deficiencia/>> Acesso em 18 agosto. 2017

PEDRINELLI, André. **Os benefícios do Esporte para Deficiente Físicos**. Site Minha Vida. 2011. Seção Fitness. Disponível em: <www.minha vida.com.br> Acesso em 29 set. 2016

RIMMER, J.H. Promoção da saúde para pessoas com deficiência: mudança de paradigma emergente da prevenção de deficiência para a prevenção de condições secundárias. Artigo Revista PubMed, Maio 1999,pg 495-502

SASSAKI, R. K. Inclusão: **Construindo uma sociedade para todos**. 5 ed. Rio de Janeiro: WVA, 2003.

SILVA, S.C., NETO, S.S., DRIGO, J.A. Os professores de Educação Física adaptada e os saberes docentes. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 15, n° 3, 2009.

TEZANI, T. C. R. **Os caminhos para a construção da escola inclusiva**: a relação entre a gestão escolar e o processo de inclusão. 2004. 207p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, UFSCar.

SECRETARIA NACIONAL DE PROMOÇÃO DOS DIREITOS DA PESSOA DEIFICIENTE. Disponível em <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/legislacao>> Acessado em 25 de setembro de 2017.

SECRETARIA DE ESTADO DOS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIENCIA. **Plano Estadual**. Disponível em <http://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br> Acessado em 25 de setembro de 2017.